

## BIOPODER E MEMÓRIA: A IMAGEM DA MULHER NEGRA EM PROPAGANDAS DE SAÚDE

Francélia Nunes de Medeiros Ferreira<sup>1</sup>

Maria Arlinda de Macedo Silva<sup>2</sup>

Camila Praxedes de Brito<sup>3</sup>

### 1. Introdução

A maternidade é o grande caso das mulheres na história. Já dizia Zola (*apud* PERROT, 2013, p. 68) “a mãe deveria ser a nossa religião”. Desde o começo dos tempos a imagem da mãe, tanto nas práticas de saúde, na puericultura ou na educação, representam uma simbologia de amor e cuidado, em que o leite materno é o cerne desse amor. O primeiro registro sobre o aleitamento materno no Brasil se encontra na Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, que relatava como as indígenas andavam com “um menino ou menina ao colo, atado com um pano (não sei de que) aos peitos” (SILVA, *apud* ROCHA, 1990, p. 22). Costume estranho às mulheres europeias, geralmente brancas e ricas, que tinham o hábito de entregar seus filhos aos cuidados de amas-de-leite, mulheres negras e pobres, para que os criassem e os amamentassem. No Brasil à espelho da Europa, o uso de amas-de-leite tornou-se bastante difundido após a colonização, principalmente na época da escravidão, uma vez que, acreditava-se que a amamentação era uma prática impura e indecente para as mulheres alvas; e as “pretas” passaram a ocupar o papel de mãe-leiteira.

As sinhamas<sup>4</sup> que eram escolhidas para amamentar, deveriam estar robustas e fortes, em suas melhores condições eugênicas, tudo para repassar para o bebê os nutrientes necessários para o seu crescimento. A fim de preservar a saúde das escravas, elas eram acolhidas na casa grande e mudavam o seu lugar na família, deixando de ser serviçais e

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Central e integrante do Grupo de Estudos do Discurso da UERN/GEDUERN. E-mail: francelia\_estrela@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Central e integrante do Grupo de Pesquisa Funcionalista e Ensino de Línguas – EFEL/UERN. E-mail: arlindamacedorn@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Central e integrante do Grupo de Estudos do Discurso da UERN/GEDUERN. E-mail: milahpraxedes@hotmail.com

<sup>4</sup> Termo utilizado por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala*, ao se referir as escravas que eram acolhidas na casa grande.

passando a ser uma pessoa da casa (FREYRE, 2003). No século XIX, o aleitamento materno passou a representar um assunto de interesse do Estado “no sentido de que suas remodelações poderiam contribuir positivamente para a imagem do país como civilizado” (CARULA, 2012, p. 198) e a utilização de amas-de-leite tornou-se condenada pelos médicos da época, que incentivavam as mães a amamentarem os seus filhos, como garantia de que as crianças brancas não fossem “infectadas” racialmente pelo leite oriundo das escravas, “haja vista a crença de que o leite transmitiria qualidades morais aos bebês, [...]deturpando seu caráter” (CARULA, 2012, p. 201). A falta de amamentação também provocaria danos à própria mãe, segundo os médicos, como a inflamação dos seus seios, pelo acúmulo de leite e a falta de afagos futuros dos filhos, já que o primeiro contato físico seria com outra mulher. Neste sentido, podemos observar a influência do poder político, transformado em biopolítico, que através do discurso médico, tenta disciplinar os corpos femininos, sob a forma de prevenção de males porvindouros.

Com relação ao discurso médico, exposto no parágrafo anterior, podemos destacar ainda o que Foucault (1996, p. 39) chama de o ritual, que estabelece para os sujeitos do discurso “propriedades singulares e papéis pré-estabelecidos”, no caso em questão, o médico e as mães, em que é o médico que detém o direito institucional de fala sobre a lactação, já que ele ocupa uma posição sujeito de qualificação para entrar na ordem do discurso científico. Enquanto, cabe as mães, seguirem as suas recomendações.

Neste sentido busca-se por meio desta reflexão analisar as relações entre o biopoder e os vestígios de memória sobre a imagem da mulher negra em propagandas de saúde no Brasil. Para tanto foi utilizado como *corpus* de pesquisa uma propaganda do ministério da saúde do Estado de Roraima, em alusão a *Semana Mundial de Amamentação* (de primeiro a sete de agosto), veicula na *internet*, no ano de 2015.

## 2. Metodologia

A metodologia está baseada no método arqueogenalógico de Foucault, assim como de cunho qualitativo, que considera os sujeitos, a língua e a história.

## 3. Resultados

Com a análise do *corpus* e através da memória discursiva, pudemos reavivar a história das amas-de-leite no Brasil. Uma vez que a memória para Nora (1981, p. 09), representa,

[...] a vida, sempre carregada por grupos vividos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconscientemente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Sendo a memória um fenômeno sempre atual, na leitura da imagem, presente no *item 4*, desta pesquisa, observamos uma mulher negra, de seios fartos, que segura um bebê branco no colo, como se estivesse colocando-o para dormir após a amamentação, figura comum em séculos passados antes da interdição do poder biopolítico, quando as mulheres das classes dominantes justificavam a não lactação dos filhos por inúmeros motivos, dentre eles, destacam-se três principais. O primeiro, conforme Barbieri e Couto (2012), estava relacionado com o imaginário de que dar de mamar fazia mal para as mulheres, já que o leite seria algo valioso à preservação da saúde da mulher branca e fraca, (argumento utilizado por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*); em segundo, acreditava-se que amamentar fazia o peito ficar caído, deixando a mulher menos atraente ao olhos de seu esposo, que conseqüentemente buscava outra mulher para satisfazer seus desejos sexuais; e por fim as mulheres brancas não amamentavam para preservar sua reputação e pudor perante a sociedade machista, que reprovava a amostra dos seios em praça pública, algo que, ao mesmo tempo, privava a participação das sinhás na vida social e conjugal, ao terem que ficar reclusas em casa para amamentar seus filhos, tido como *démodé*, no século XVIII.

Além do biopoder, àquele que incide sobre os fenômenos biológicos, como o controle da natalidade, da habitação, da saúde pública, etc., levando o Estado a regular a vida da população, Foucault (1988, p. 137) coloca em cheque também o controle do sexo, pelo qual se tem “acesso ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie”, sendo o controle da natalidade umas das técnicas disciplinares mais utilizadas na Colônia, onde o homem, detentor do poder, utilizava-se do estupro para fazer com que as escravas engravidassem, e assim pudessem produzir leite para os seus filhos. As negras, muitas vezes, eram obrigadas ao aborto, pois o leite produzido por elas seria exclusivo para as crias brancas<sup>5</sup>. Nesse cenário o chauvinismo e o racismo atuavam junto como forma de dominação e exploração do corpo feminino. Considerando o mesmo panorama, ainda haviam, os senhores de escravos, que por não possuírem crianças em casa, comercializavam o desmame de suas escravas, foi quando surgiu a figura da mãe-preta de aluguel, representando um novo ator social de “tamanho proporção, que alguns senhores de escravos chegaram a admitir que criar negras para alugar como amas era mais rentável do que plantar café” (EWBANK, *apud* ALMEIDA, 1999, p.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://populacaonegraesaude.blogspot.com.br/2015/08/a-mae-preta-ja-encheu-sua-mamadeira-va.html>. Acesso: 01.04.2017.

30). Como nos mostra Foucault (2008), muitas amas chagavam a ter até dezenove bebês para amamentar e muitos chegavam a vir à óbito, pela falta de leite das escravas. Porém, o autor relata que após a morte dos bebês, os intermediários ainda recebiam o dinheiro pelo trabalho das amas e sequer avisavam aos pais do ocorrido, já que estes só iam pegar seus filhos quando crescidos. Esse tipo de serventia demonstra a relevância do poder comercial do corpo feminino na época da escravidão, quando o aleitamento mercenário gerava lucro em dobro para o fazendeiro, que não pagava pelos serviços domésticos das servas e em troca ainda ganhava com a produção do seu leite.

Os estilhaços de memória presente na propaganda também reavivam a imagem da mulher como santa-mãezinha, que de acordo com Priore (2009), consiste na observância dos filhos e na preocupação em dar-lhes um “estado” de segurança futuro. Papel desempenhado pelas mulheres ao longo da história, e, nesse caso, representado pelas escravas.

#### 4. Figura



Campanha referente a *Semana Mundial de Amamentação* – Estado de Roraima, 2015.<sup>6</sup>

#### 5. Considerações finais

Contudo, observou-se que na propaganda do ministério da saúde o biopoder está agindo como uma forma de prevenção à vida, levando em conta que hoje no século XXI já não existem mais amas-de-leite no sentido *stricto sensu* da palavra. O que existem, são mulheres, negras ou brancas, que doam seu leite materno para outras mães, que por inúmeros motivos, não produziram leite o suficiente para alimentarem os seus filhos, onde o leite materno fica armazenado em um banco de leite em hospitais e a mãe que recebe a doação

<sup>6</sup> Disponível em: <http://populacaonegraesaude.blogspot.com.br/2015/08/a-mae-preta-ja-encheu-sua-mamadeira-va.html>. Acesso: 01.04.2017.

desconhece a raça étnica da mãe doadora, fazendo da doação *um gesto de amor*. Logo, conclui-se, que apesar da imagem da propaganda rememorar a posição sujeito da mulher negra como mãe-de-leite no Brasil, pode-se depreender que o biopoder que age na propaganda, não está focando em um corpo individual, mas na preservação da saúde de um corpo coletivo – o dos bebês – com a intenção de preservar à vida e manter o bem-estar da população.

## 6. **Palavras-chave:** (Biopoder. Memória. Mulher negra.)

### Referências

ALMEIDA, J. **Amamentação:** um híbrido natureza-cultura [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

BARBIERI, C. L. A.; COUTO, M. T. As amas de leite e a regulamentação biomédica do aleitamento cruzado: contribuições da socioantropologia e da história. **CADERNOS DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA**, São Paulo, v. 8, n. 1, jan./jun., 2012.

CARULA, K. Perigosas amas de leite: aleitamento materno, ciência e escravidão em A Mãe de Família. **HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – MANGUINHOS**, Rio de Janeiro, v. 19, supl., p.197-214, dez., 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5 ed. Tradução de Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 13 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 25 ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 481 ed. São Paulo: Global, 2003.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **PROJETO HISTÓRIA:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: SP-Brasil, 1981.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. 2 ed. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, A. A. M. **Amamentação: fardo ou desejo?** Estudo histórico-social dos saberes e práticas sobre aleitamento materno na sociedade brasileira, 1990. 236 p. Dissertação (Mestrado em medicina). Departamento de medicina social, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1990.